



Orientação Educativa

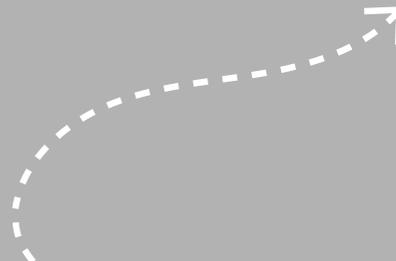
Registros de um percurso de formação

Organização: Dra. Silvana Corbellini

Especialização em
orientação
educacional



UFRRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL



Copyright © 2021 by Sivana Corbellini (Organizadora).

Todos os direitos para o BRASIL e países de língua portuguesa reservados e protegidos pelas leis em vigor, em cada um deles, sobre DIREITOS AUTORAIS a Sivana Corbellini (Organizadora).

Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Arte final: Priscila Evangelista

Capa: Gráfica da UFRGS

Revisão: Priscila Evangelista

Diagramação e Produção Gráfica: Forma Diagramação

Impresso no BRASIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O69

Orientação Educacional: registros de um percurso de formação / Sivana Corbellini, organizadora. – Porto Alegre: Formadiagramação, 2021.

192 p.: il.

ISBN 9786599194122

1. Orientação pedagógica. 2. Professor. 3. Pedagogia. I. Corbellini, Sivana. II. Título.

CDU 37.013

Bibliotecária Responsável: Ana Cristina Theis Parnoff CRB – 10/2542

APRENDIZAGENS E TECNOLOGIAS

Silvana Corbellini

Resumo

Introduzir as tecnologias na educação já era considerado uma condição sine qua non para os tempos atuais. E com o advento da pandemia do Covid-19, esse fator tornou-se imprescindível. Para tanto, a disciplina de Aprendizagem do Ambiente Virtual Moodle ofertou um amplo debate sobre o panorama de recursos tecnológicos que servissem não somente de ferramentas como também de potencialidades para integrar conhecimentos e pessoas, de forma cooperativa, através da mediação do Orientador Educacional, profissional em formação nesse contexto, inserindo-o em uma cultura digital.

Palavras-chave: Aprendizagens Online; Cooperação; Orientação Educacional.

Introdução

Introduzir a aprendizagem em ambiente virtual vai muito além de uma transferência de conteúdos de um espaço presencial para um virtual. Implica uma ressignificação de processos pedagógicos que precisam ser aprendidos por todos os integrantes do processo de ensino e aprendizagem.

Como referem os autores Boff, Corbellini e Ramos (2014, p. 02):

A educação como participante da transformação histórica enfrenta desafios nos processos de ensinar e aprender causados pelo uso

acelerado de novas tecnologias e da busca de um novo paradigma educacional. Assim, hoje, as dinâmicas da sociedade em rede estão presentes no cotidiano das universidades, interferindo na forma de estruturar, construir e organizar conhecimentos e práticas pedagógicas.

O uso das tecnologias é hoje algo inerente ao nosso dia a dia, mas na área da educação ainda não ocorre do mesmo jeito e isso deve-se a diversos fatores, que vão desde a questão da formação dos educadores até a falta de políticas públicas para dar vazão aos necessários recursos formativos e materiais de todos que integram as escolas, inclusive dos nossos estudantes.

Esse período de pandemia lançou na vitrine as diferenças que já eram gritantes entre a educação privada e a pública. Boaventura Santos (2020, p. 21) aponta esse fator: “Por um lado, ao contrário do que é veiculado pelos media e pelas organizações internacionais, a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam.” Na utilização das tecnologias ligadas à área da educação também observamos no cotidiano esse abismo.

O uso de recursos tecnológicos apresenta várias possibilidades, visando integrar conhecimentos e pessoas. Mas para que isto ocorra, é necessária uma construção que seja feita de forma coletiva e que a sua utilização seja realizada com diferentes formas de interação. Assim, parte-se do pressuposto de que as tecnologias da informação e comunicação (TICs) podem propiciar novas formas de relações entre os sujeitos devido à diversidade de recursos, aos diferentes espaços, às várias metodologias de aprendizagem e por fomentar novas possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem.

Interações em curso

A Educação a Distância requer que se tenha cuidado redobrado com as interações nos ambientes virtuais de aprendizagem, uma vez que o contato que existe entre todos é por meio destes recursos. É necessário planejamento para que essas interações ocorram, bem como

um cuidado sistemático por parte dos responsáveis.

Em uma pesquisa realizada em fóruns de um curso de especialização na modalidade a distância, observou-se que há fatores que podem predispor ou inibir a cooperação.

Considera-se que fatores como o interesse e a autonomia dos sujeitos, o design do curso, os diferentes tipos de mediação do docente, a constituição de espaços que possibilitem a comunicação entre todos e as atividades que são promovidas devem ser considerados como componentes de um processo de ensino e aprendizagem promotor de cooperação intelectual (CORBELLINI; BECKER, 2019, p. 09):

Kenski (2005) reforça esse ponto afirmando:

Pode-se prever também, em projetos educacionais de amplo alcance, o desenvolvimento das mesmas disciplinas em suportes mediáticos diferenciados. O mesmo curso é oferecido via internet, cd-rom, fitas de áudio e/ou vídeos ou mídia impressa, por exemplo. Essa forma abrangente de realização de educação a distância objetiva o atendimento ampliado aos alunos. Seja qual for a condição de acesso que os alunos possuam, eles podem ser atendidos e podem cursar as mesmas disciplinas (KENSKI, 2005, p. 06).

O que percebemos e que contemplamos no nosso currículo do curso é uma formação de Orientadores Educacionais com aspectos ligados às tecnologias, ao seu uso nas escolas, nas suas práticas específicas, nas comunidades de aprendizagens e a sua inserção na cultura digital. Com essa premência, a primeira disciplina do curso, “Aprendizagem do Ambiente Virtual Moodle”, visava a apropriação dos cursistas das funcionalidades do ambiente no qual o curso iria ocorrer, bem como conhecer e utilizar-se dos mais diversos recursos dentro de uma compreensão da cultura digital que inclui as interações como fundamentais para as aprendizagens, sejam elas presenciais sejam a distância.

De acordo com Piaget, há dois tipos de interação:

Além dos fatores orgânicos, que condicionam do interior os mecanismos da ação, toda conduta supõe, com efeito, duas espécies de interações que a modificam de fora e são

indissociáveis uma da outra: a interação entre o sujeito e os objetos e a interação entre o sujeito e os outros sujeitos [...] cada interação entre sujeitos individuais modificará os sujeitos uns em relação aos outros (PIAGET, 1973, p.34-35).

Piaget (1998) sublinha que a aprendizagem não é apenas uma atividade individual. Com isto, o autor não elimina as contribuições particulares, mas, sim, coloca-as numa ordem de complementaridade, pois, para ele, no intercâmbio, nas trocas, nos conflitos, pode ocorrer a aprendizagem. Desta maneira, como a interação entre sujeito e objeto modifica-os, cada interação modifica uns e outros na perspectiva do sujeito. Assim, destaca-se a importância das interações nos processos de ensino-aprendizagem.

Para exemplificar um pouco do processo vivenciado, segue um recorte de uma postagem de uma cursista em um Fórum da disciplina, que foi designada por C1 (e todas sucessivamente):

A interação na EAD torna-se desafiadora a partir do momento em que consideramos que somente a proximidade física possibilita, constrói e mantém vínculos - uma consideração superficial... Parece parte do caráter da EAD fomentar nos estudantes automotivação, porquanto seja necessária a disciplina e autonomia, sucessores do processo motivacional. Entretanto... Deveríamos realizar esse processo sozinhos? De fato, por que não auxiliarmos uns aos outros? Somos seres sociais, temos a demanda da criação de vínculos e relações afetivas, podemos fortalecer uns aos outros, inclusive pela empatia. Desse modo, as interações proporcionam a manutenção e consolidação de saberes, posto que a aprendizagem aluno x aluno é parte intrínseca do processo de ensino e aprendizagem (aspectos sobre os quais pensamos para as crianças/estudantes, nunca para nós mesmas...).

Acredito ser outro o nosso desafio... Bem sabemos que há ruídos em toda comunicação (a mensagem que passamos pode não ser a mensagem recebida, por exemplo), seja falada ou escrita. A fala também carrega informalidade, expressões, entonações e mesmo a personalidade que a escrita não possibilita facilmente. Discussões e reflexões necessitam de argumentos e exposições. Como ser clara, objetiva e ao mesmo tempo sutil, através de palavras que não as faladas? Exigirá organização, tempo e pensamento... Também refleti sobre a própria organização do tempo. O Ensino à Distância não se resume a leituras, mas também ao debate. Debater com qualidade exige administração de tempo para o fluxo de

pensamentos, réplicas, reflexão perante às subjetividades... Mas, vamos lá!

Existem diversas barreiras no processo de ensino e aprendizagem na modalidade a distância, tais como falta de motivação pessoal, avaliação demorada ou inadequada, falta de contato com o professor, despreparo técnico dos estudantes ou dos professores, sensação de alienação e isolamento, conteúdo desorganizado e/ou formato inadequado, falta de suporte técnico.

De outro lado, há benefícios que ultrapassam estas barreiras, possibilitando cursos de boa qualidade, tais como uso de diversas formas de apresentação dos materiais; análise continuada do curso, visando o aumento das taxas do aprendizado; criação de espaços de aprendizagem no modo autodidata; provimento de recursos para inibir a sensação de isolamento ou alienação e o fato de permitir o armazenamento das interações do aluno com o conteúdo. É preciso encontrar e construir caminhos que permitam ultrapassar as barreiras para o sucesso do processo (ISOTANI, 2009).

Assim, reflete-se que, com as aulas ocorrendo na modalidade a distância, a conexão precisa ir além do compartilhamento do ambiente virtual. É preciso promover a interação e a participação dos cursistas de maneira a criar maior vínculo entre todos. As trocas intelectuais e afetivas, bem como o compartilhamento de experiências e conhecimentos, propulsionam uma maior aproximação entre os participantes, promovendo mais aprendizagens. Esse aspecto é bem ilustrado pela postagem de C8:

Interagir em ambientes virtuais é fundamental, afinal, para o estabelecimento da aprendizagem há a necessidade de ação do sujeito em relação ao objeto, bem como do objeto em relação ao sujeito. Podemos dizer que, a partir das interações, os sujeitos poderão formar opiniões, perceber a diversidade de pontos de vista, experiências, sugestões, conhecimentos diversos, entre outros. Ou seja, de forma ativa e colaborativa o conhecimento vai sendo estruturado, sob a forma de uma ação crítica e reflexiva. Nesse sentido, nos AVAS, há uma gama de possibilidades que possibilitam a interação, de acordo com os objetivos visados.

A ênfase nesse momento foi a ensinagem a partir de proposições que requeriam trocas através de atividades práticas advindas das reali-

dades dos cursistas, com o uso de tecnologias e de interações sociais no ambiente virtual (AVA). Por ensinagem, queremos marcar que se trata de um ensinar e aprender, simultaneamente, e por todos os integrantes do processo de ensino e aprendizagem. Assim, há neste processo movimentos contínuos que integram, concomitantemente, o docente aprendente e ensinante e os discentes aprendentes e ensinantes com construções de conhecimentos de todos.

Refletir através de fundamentações teóricas específicas sobre como podemos fomentar as trocas entre os integrantes e disponibilizar espaços para que essas possam acontecer é a primeira maneira de engajar os cursistas ao seu curso. Para tanto, a proposição de espaços interativos, como o Fórum do _/@ (Fórum do Cafezinho), torna-se um momento no qual o convite à descontração, aos desabafos, às risadas; enfim, a participar de um espaço contingente no qual também as emoções possam aflorar e que sejam respeitadas por todos.

O Fórum do _/@ é um espaço que foi constituído há muitos anos (REAL; CORBELLINI, 2008) cujo objetivo era de ofertar-se um espaço de socialização, uma vez que se parte do pressuposto de que as interações sociais e afetivas são parte inerente das aprendizagens.

As metamorfoses são constantes no mundo atual. Compete às instituições e a cada um de nós acompanhar e refletir sobre estas mudanças, de forma a que as reestruturações necessárias sejam condizentes com a demanda existente. Assim, a questão da socialização não pode ficar de fora deste processo, sob o risco de nos questionarmos mais adiante sobre a subjetividade do ser humano a quem estamos formando. Assim, salientamos a pesquisa como um elemento essencial nessa transposição do presencial para o virtual, sempre visando a aprendizagem e o desenvolvimento dos sujeitos nas suas dimensões cognitivas e afetivas (REAL; CORBELLINI, 2008, p. 04).

Esse convite fica bem ilustrado nessa escrita de C4:

Colegas!

Chegando agora no ambiente virtual. Ainda cheia de dúvidas e incertezas em relação a este meio de comunicação e aprendizado. Sou de uma geração que "sofre" ainda com estas interações, tem medo de arriscar com as novidades. Mas, apesar destas questões, sou uma educadora apaixonada

e, como tal acredito que os desafios são importantes para o crescimento. Também acredito que o conhecimento move barreiras e está na sala de aula, nas relações com crianças, educadores, orientadores, pais... A troca de experiências sempre será válida e não interessa qual o meio usado. O importante é poder interagir, conhecer outras realidades, aprender com o outro. Os textos sugeridos, nos instigam a enfrentar a ferramenta e poder incorporá-la a práticas do dia-a-dia. Adorei o Café e cia, e pretendo tomar muitos cafezinhos com vocês.

E C3 também destaca a importância da afetividade e das relações com os colegas.

A interação em ambientes virtuais apesar de ser cada vez mais presente no nosso dia a dia, ainda é visto como um grande desafio. Porém, a gama de possibilidades de interação com os mais variados públicos de diferentes culturas fazem esse desafio valer a pena. É enriquecedor perceber que mesmo a interação ocorrendo de forma virtual é possível manter a afetividade e a possibilidade de manter relações com outras pessoas.

Com esse espaço, estimula-se, e também se ensina, os sujeitos a interagirem nos ambientes virtuais de forma respeitosa, ética, acolhedora, cooperando e aprendendo uns com os outros. É importante que os sujeitos compreendam que a internet não é um ambiente sem regras e que precisamos delas para convivermos, pois, como refere Piaget (2002), as relações necessitam alicerçar-se em respeito mútuo, reciprocidade e cooperação, contribuindo para a construção da autonomia.

Destacamos que autonomia não quer dizer liberdade para fazer o que se quer, mas implica coordenar os diversos fatores de um processo visando à decisão mais verdadeira para todos os integrantes. De acordo com Piaget (1977a), o sujeito autônomo considera, por sua própria decisão, o outro além de si mesmo. O autor refere que a autonomia não é uma independência em fazer coisas sem o auxílio de outro, mas que ser autônomo é seguir um código de ética interno, regras morais constituídas que emergem dos sentimentos internos da necessidade de considerar o outro além de si mesmo, resguardando os seus valores internos.

O que pode ser exemplificado nesse recorte de C5 em resposta a uma colega:

Compartilho contigo meus sentimentos com relação a me deixar arriscar mais com as novidades que a educação a distância nos proporcionam. Ao ler o texto "As ferramentas de interação..." entendi que a ferramenta "Fórum" é um local que pode ter muitos usos e finalidades, não sendo necessário que todos os usuários estejam conectados ao mesmo tempo. Logo, isso nos oportuniza um tempo maior para ler o que o colega postou, responder, refletir sobre, voltar aos textos, e ir assim construindo nossos conhecimentos a partir dessa interação com sujeitos e objetos (assunto) de estudo.

Afirmo que:

A partir da cooperação, de acordo com Piaget, advém o desenvolvimento integral, computando-se os âmbitos: cognitivo, afetivo e moral e construindo a autonomia. Desta forma, apostamos na cooperação como uma terceira via metodológica passível de constituir cidadãos, comprometidos com a sociedade e profissionais capazes de gerar os novos rumos que a atualidade tem imposto (CORBELLINI, 2012, p. 02-03).

Pois bem, já vimos que o ato de aprender não é uma atividade individual, pois é no intercâmbio, nas trocas, nos conflitos, que podemos construir novas formas de ser e estar no mundo e que cada interação modifica uns e outros e o todo, numa constante equilíbrio, como refere Jean Piaget (1973).

No contexto atual, isto tem mostrado-se mais proeminente ainda - a necessidade que temos dos nossos pares, de outros profissionais que nos auxiliem com a continuidade dos processos de ensino e aprendizagem. Todos nós procuramos auxílio e a colaboração de colegas para conseguirmos dar conta das demandas impostas. Assim, traz-se um recorte de uma postagem de C7 que discorre sobre as suas expectativas:

Olá pessoal! É com muita alegria que inicio o curso nesse momento. Também entrei nessa última semana e estou tentando me achar, afinal pegar o barco andando não é muito fácil. É a primeira vez que me aventurei em um curso a distância e ao ler os primeiros materiais e relatos fiquei ainda mais entusiasmada, pois o que realmente valorizo na Educação, a interação, a troca, o compartilhar estão contemplados nas diferentes ferramentas de interação desse ambiente virtual. Unir uma boa ferramenta, profissionais qualificados e alunos dispostos a aprender só poderá dar certo. Espero que

façamos bons vínculos, que possamos nos realimentar e que esse curso promova, em nossas caminhadas, um lindo florescer. Destacaria por fim, a ideia de Moran que afirma que aprendemos mais quando estabelecemos pontes entre a reflexão e a ação, entre a experiência e a conceituação, entre a teoria e a prática.

Dessa forma, a proposição de atividades que requerem reflexão sobre as interações mostra-se extremamente profícua para contribuir com uma posição dos cursistas frente às suas atitudes no espaço. Para tanto, ofertamos subsídios para os estudos e solicitamos que as suas reflexões fossem postadas e comentadas entre os colegas. Como exemplo, podemos citar C6:

Fica claro, após minha reflexão acerca dos textos, que se faz necessário uma “reformatação” do que compreendemos como uma aprendizagem rica em qualidade e troca. Como os textos bem apresentam, vivemos em uma nova sociedade onde as tecnologias já não têm mais que ser vistas como vilãs que afastam as pessoas, mas sim, como mais uma ferramenta para aproximação de todos, sem fronteiras. Utilizar essas tecnologias para formação de professores e, também, para ensino nas escolas é o que devemos perceber como o presente a ser ainda mais desenvolvido.

Dando continuidade às aprendizagens, a proposição dessa disciplina continua requerendo trocas, agora de experiências. Com o objetivo de que cada um traga de sua realidade, de suas vivências, exemplos de uso de tecnologias na prática profissional que tenham sido desafiadores, pois, a partir daí, conduz-se o cursista a olhar ao seu redor, a identificar momentos nos quais teve dificuldade e perceber como conseguiu lidar com isso, e, ao mesmo tempo, ao ler e comentar as experiências dos colegas, consegue, além de aprender novas formas de uso das tecnologias, visualizar a ampla gama de maneiras que cada sujeito tem de lidar com os seus próprios desafios. Importante salientar que, com esse processo, procura-se também o desenvolvimento da empatia, pois permite que o sujeito identifique-se com o outro e que possa se pensar a partir das diferentes experiências dos colegas.

Ilustro esse momento com uma experiência relatada por C1 e pelos comentários de seus colegas:

Acredito na prática da pesquisa como princípio formativo do ensino,

pois o empírico proporciona a consolidação de saberes/conhecimentos e a significação e elaboração de novas dúvidas e questionamentos. Nas últimas semanas, tenho desenvolvido com os meus alunos (tenho um 2º ano) um projeto que tenciona a articulação entre “animais e plantas”, conteúdo programático. Buscando fugir dos caminhos das páginas impressas, exploramos o nosso ambiente escolar. Encontramos pupas de borboletas, “bichos cabeludos” e uma lagarta comendo uma das folhas de couve da nossa horta. As crianças repudiaram os três, mas adoraram uma borboleta que sobrevoou uma das árvores.

Aí surgiu o tema da nossa pesquisa!

Vocês sabiam que está se formando uma borboleta naquele casulo que vimos debaixo da folha? Vocês sabiam que os “bichos cabeludos” se transformam em mariposas?

O desafio se encontra em pensar, planejar e executar a pesquisa com crianças pequenas (a faixa etária é 7 anos)... As potencialidades, também! Entretanto, a diversidade oportunizada na ação pedagógica contempla a própria diversidade escolar (inclusive, a Educação Inclusiva). Pensar os objetivos, a melhor metodologia (aliamos a observação à investigação em ambientes da escola e sites de busca) e a organização dos dados coletados têm sido árduo, conquanto esteja rendendo as percepções mais bonitas. Os registros têm sido estruturados em um diário de campo coletivo, onde temos fotografias, recortes de revistas, histórias infantis que eles descobriram tratar acerca do tema, escritos científicos, desenhos... Nossa parceira nessa jornada é a professora do Laboratório de Informática, pois ela viabiliza as buscas, porquanto haja crianças sem acesso à internet em casa.

Há quem diga que a criança é a melhor cientista e pesquisadora... Eu concordo!

C10 comenta:

Excelente abordagem com seus alunos. Parabéns! Acredito que o estímulo e o incentivo a pesquisa desde cedo, venham transformar essas crianças em adultos mais criativos, confiantes e motivados a compartilhar o conhecimento adquirido.

Após, segue C 12:

Concordo com sua colocação C1. As crianças são as melhores cientistas, o que nos remete ao fato de sermos pesquisadores natos. Nossa espontaneidade e curiosidade vai sim sendo tolhida com através de nossas vivências e interações. Que bom que sua prática está levando seus alunos na direção contrária. Quanto ao tema das TIC's também encaro como um grande desafio aliar de forma produtiva estas tecnologias às pesquisas

que desenvolvemos, em especial quando falamos de crianças pequenas....

E comenta a C11:

C1 que interessante esse projeto, atualmente trabalho com a educação infantil até o 3° ano do fundamental, assim acompanho os 2° anos e eles se envolvem muito em pesquisas, o acesso dirigido às ferramentas tecnológicas me parecem serem muito oportunas. Gostei muito do tema proposto e deve estar apresentando um resultado muito positivo junto às crianças.

Hoje o uso das tecnologias na Educação não é uma escolha. Independentemente da pandemia, os nossos estudantes nascem e vivem com as tecnologias; são os assim considerados 'nativos digitais' (PRENSKY, 2001). Para o autor, as crianças criadas em um mundo digital exigem um ambiente de aprendizagem rico em mídias, pois eles cresceram familiarizados com as tecnologias e estão imersos nesse mundo. Ao mesmo tempo, Prensky (2001) também apresenta o termo 'imigrantes digitais' que são aqueles que, ao longo do tempo, adaptaram-se ao uso das tecnologias no seu dia a dia e que precisaram aprender.

Dessa maneira, o fato de estarmos imersos em ambientes com recursos tecnológicos não necessariamente implica que saibamos utilizá-los. Observa-se que os estudantes utilizam no seu dia a dia para lazer, para compras, para jogos, mas muito pouco sabem usar as tecnologias para suas aprendizagens. Assim, é preciso que potencializemos as aprendizagens tecnológicas, tanto dos estudantes, quanto dos educadores, sistematizando as práticas realizadas com o uso das tecnologias para poderem ser agregadas ao processo de ensino e aprendizagem, contribuindo inclusive para as práticas dos OE.

Como bem apontam Moran, Masetto e Behrens (2003), é necessário repensarmos todo o processo, reaprender a ensinar, estar com os estudantes, orientar as atividades, atuar no individual e no coletivo. Novos campos são abertos a partir da educação online, como a educação presencial mostra novos desafios, tanto tecnológicos, como pedagógicos. Acreditar que as tecnologias irão mudar as escolas pode ser um engodo se não transformarmos as práticas pedagógicas.

Além disso, precisamos levar em consideração que o uso de tecno-

logias não necessariamente condiz com a inclusão digital, algo que neste momento mostra-se de uma forma bem clara através da discrepância de recursos das diferentes comunidades, o que demanda mais políticas públicas para construirmos a equidade do acesso à educação.

E visando a especificidade da formação do Orientador Educacional, alicerçou-se as aprendizagens nos usos que esses profissionais podem fazer das tecnologias em suas mais diversas atividades. Pensa-se as tecnologias como ferramentas imprescindíveis nas práticas atuais e isso foi visualizado ainda mais em tempos de pandemia. Nesse período, muitos desafios surgiram e várias possibilidades foram elencadas. As tecnologias mostraram-se como um elo importante entre a escola, os estudantes, as famílias e as comunidades.

Nessa ideia, segue Nóvoa (2017, p. 1128), que refere que a formação de professores precisa “[...] criar as condições para uma renovação, recomposição, do trabalho pedagógico, nos planos individual e coletivo. Para isso, é necessário que os professores realizem estudos de análise das realidades escolares e do trabalho docente”. Ou seja, o autor destaca a importância de uma dinâmica de pesquisa, de uma reflexão dos professores sobre a sistematização de suas práticas efetuada de forma colaborativa, na qual se incluem os Orientadores Educacionais como partícipes da escola.

Indo nessa direção, uma das propostas foi justamente fazer com que os cursistas, em dupla, resolvessem um problema de comunicação que uma escola vinha enfrentando com os pais com o uso das tecnologias. Esse estudo de caso baseado em um fato real ensinava-os a trabalharem em conjunto, investigando problemas que realmente acontecem no cotidiano escolar, pois compete ao professor a oferta de situações que mobilizem os estudantes a investigarem, a refletirem, a trocarem uns com os outros, estimulando a busca de respostas. As tecnologias hoje fazem parte desse panorama, tanto para a busca de soluções como para servir de instrumento para as resoluções.

Podemos observar esse ponto na proposta que foi desenvolvida por duas cursistas nessa atividade. A partir do estudo de caso proposto sobre falhas na comunicação entre pais e escola na Educação Infantil, visando superar as descontinuidades entre os ambientes familiar e escolar, referem ser necessário conhecer os tipos de envolvimento entre

pais e escola para poder estabelecer estratégias que permitam a concretização de objetivos comuns.

Para cumprir esse objetivo, propõem a disponibilização de fotos e vídeos curtos, através da plataforma Moodle, dos alunos no seu dia a dia na escola, mostrando o trabalho que está sendo desenvolvido, retratando vivências e descobertas nos projetos realizados. Refletem que também podem ser disponibilizados nesta mesma plataforma artigos a respeito do desenvolvimento infantil e especialmente contendo informações a respeito da Educação Infantil e sua importância na vida das crianças.

Outra cursista pensa em propor para as famílias pesquisas (leituras, fotografias/imagens, vídeos, etc) que as direcionem para a reflexão, que podem ocorrer em reuniões pedagógicas, objetivando fomentar a compreensão da importância de suas participações dentro das possibilidades e limites necessários e com a presença do Orientador Educacional. Aponta que, nesse contexto:

A educação demanda caráter concreto, empírico, pragmático e crítico, sensível às trajetórias familiares e escolares, pois esta é produzida e construída por pessoas, isto é, intensa em diversidade. Essa esfera de atuação favorece uma Educação emancipadora e transformada, devido a sua natureza, possibilitando assim a construção da autonomia e alteridade, pilares para uma cidadania ativa e efetiva – e extensiva a toda a comunidade escolar (C1).

A Educação já vinha sofrendo defasagens e hoje a pandemia nos mostrou a importância do experienciar, de criar aulas novas, de testar e poder errar, acreditando no erro construtivo como diz Piaget. Verificar o que funcionou e o que não funcionou torna-se grandes aprendizagens. Essas experiências precisam ser sistematizadas e disponibilizadas para os colegas, lembrando de que todos estamos aprendendo.

E, para estas ações, o papel dos OE também é essencial, pois é preciso o apoio no erro, o estímulo à cooperação, o auxílio com os recursos tecnológicos e conhecimentos para que se possa dar continuidade às experimentações de novas práticas. A construção de espaços de trocas e o fomento para que elas ocorram é fundamental neste momento, procurando construir uma cultura colaborativa que perpetue. Essa ideia

pode ser sintetizada em uma resposta da docente designada por D1 em um dos fóruns da disciplina:

Olá!

Importante as considerações de vocês. Pelo que vi, é unanimidade que não existem aprendizagens sem interações. Então, se partimos deste pressuposto, vamos interagir muito durante todo o nosso curso, construindo mais e mais aprendizagens.

Em relação as diferenças entre escolas públicas e privadas, sem dúvida, as defasagens que encontramos nas escolas públicas fazem parte da nossa realidade. Mas, não podemos ficar nesta condição e sim, procurar, a partir do trabalho do Orientador Educacional formas de potencializarmos os recursos existentes em cada contexto diverso das escolas que habitamos. As tecnologias hoje, se ampliam em um leque de ofertas que podemos incorporar e, isto vamos procurar também explorar ao longo do curso. Além disto, há outras questões que foram elencadas que devem ser consideradas, como a afetividade nas relações e o envolvimento e comprometimento daqueles que irão utilizá-las.

Então, temos que sempre ter em mente, que cada um de nós pode e deve fazer a diferença.

Indo especificamente para o campo da Orientação Educacional, lembramos do que Pascoal (2008) menciona sobre a necessidade da escola ser também um espaço para produção de jovens mais saudáveis e mais felizes. E Gomes e Corbellini (2021, p. 09) corroboram:

As autoras pactuam a ideia da escola com um compromisso social de formação humana, mas que não se limita à tradicional “transmissão de conteúdos”. Pelo contrário, trata-se de um compromisso de maior dimensão, na medida em que resgata, acolhe e respeita as vivências, os conhecimentos e as singularidades. Entendem a escola como um espaço sociocultural em constante transformação e construção. Entendendo dessa forma o espaço escolar, o OE passa a ser elo fundamental para manutenção desse local dinâmico de formação humana e cultural.

Escuta-se, no jargão popular, que a escola não será mais a mesma após a pandemia. Mas aponta-se que isso pode não ser real. Esse momento pode tornar-se uma oportunidade inigualável para que comecemos a construir aquela escola com a qual sonhamos. E, se não nos arris-

caros aos fazeres diferentes, aos pensares diferentes, a planejarmos novas alternativas e construirmos novas práticas, não conseguiremos modificar o *status quo* da educação.

Há muitas possibilidades que podem ser exploradas e o momento mostra-se propício para as experimentações, pois ninguém tem as respostas corretas do que fazer nesse momento de pandemia (e de pós-pandemia), mas alguns caminhos podem começar a ser trilhados e o OE pode ser uma luz nesse caminho.

Referências

BOFF, L., CORBELLINI, S., ITAQUI, E. R. Cursos online: uma formação em pauta. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA (ESUD), Florianópolis – SC. **Anais...** 2014.

CORBELLINI, S. **A construção da cidadania via cooperação na Educação a Distância**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA -SIED 2012 e ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EnPED - 2012, São Paulo. **Anais...** 2012. ISSN 2316-8722.

CORBELLINI, S.; BECKER, M. L. R. Mapas de Trocas Intelectuais: representações para cooperação na educação a distância. **Renote**, v. 17, n. 3., 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/99291>

GOMES, C.; CORBELLINI, S. Produção de narrativas digitais através do Scratch como estratégia de pesquisa e ação para o Orientador Educacional. **Renote**, 2021. V.19, n.1., 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/118484>

ISOTANI, S. **Desenvolvimento de ferramentas no iGeom**: utilizando a geometria dinâmica no ensino presencial e a distância. Dissertação Apresentada ao Instituto De Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.cs.cmu.edu/~sisotani/mestrado/dissertacao.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013.

KENSKI, V.M. Gestão e uso de mídias em projetos de educação a distância. **Revista ECurriculum**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 3 dez. - jul. 2005. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/115tce5.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2020.

MORAN, J.M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M.. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 7. ed. São Paulo, SP: Papyrus, 2003.

NOVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente.

Cadernos de Pesquisa. v. 47, n. 166, 1106-1133, out./dez. 2017. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/4843> Acesso em: maio de 2020.

PASCOAL, M.; HONORATO, E.C.; ALBUQUERQUE, Fabiana Aparecida. O orientador educacional no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 47, p. 101-120. jun. 2008.

PIAGET, J. **Estudos sociológicos**. São Paulo: Companhia Editora Forense, 1973.

PIAGET, J. A teoria de Piaget. In: MUSSEN, R.H. (Org.). **Carmichael, Psicologia da Criança**. Desenvolvimento Cognitivo I. São Paulo: EPU/EDUSP, v.4, 1977.

PIAGET, J. **Sobre a pedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** 16.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

PRENSKY, M. Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. **NCB University Press**, v. 9, n. 5, October 2001).

REAL, L. M. C.; CORBELLINI, S. Café & Cia: uma proposta de espaço de interações informais em EAD. In: XXVIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO, Belém do Pará. **Anais...**, 2008, p. 406-409.

SANTOS, B.S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação ISBN 978-972-420-8496-1 CDU 347.